

FOLHA DE S.PAULO

Um herói cínico e hipócrita

Bruna Barros/ Editoria de Arte/Folhapress



13/01/2018 02h00 - Atualizado em 15/01/2018 às 02h00

[Erramos: esse conteúdo foi alterado](#)

O herói de "Pessach: A Travessia", o romance de Carlos Heitor Cony de 1967, é um narrador astuto. Reptiliano, Paulo Simões avisa logo de cara: "Os outros têm razão: sou um hipócrita ou um cínico, talvez as duas coisas juntas".

Na frase seguinte, porém, insinua que os outros se enganam: "Só a mim mesmo essa cara não tapeia. Também, olho-me pouco no espelho, o necessário para a barba: não gosto de estranhos". Superior à sociedade, Simões desdenha de sua aparência cínica e hipócrita.

O próprio narrador pode estar errado, contudo: só se olha no espelho para fazer a barba, e vê um estranho. Em ordem unida, suas frases rufam como tambores de parada. O ratumbum do Ego onisciente soa unívoco e evidente, mas, visto de perto, é dúbio, furtivo, furta-cor.

"Pessach", a Páscoa judaica, celebra a libertação do povo eleito do cativo e a travessia do mar Vermelho. Como título, é uma metáfora forçada: Simões não é judeu e o povo inexistente. Sua travessia é pessoal. Ele supera a hipocrisia e o cinismo e se acha ao empunhar um fuzil contra a ditadura.

Foi uma travessia típica. Em 1967 saíram também "[Terra em Transe](#)", de Glauber Rocha, que termina com Paulo Martins de submetralhadora em riste, e "[Quarup](#)", de Antonio Callado, no qual padre Fernando adere à guerrilha. O filme é genial; o romance, um cáldo documento de época.

Já "Pessach" se esbaldava em sensacionalismo sádico. Um guerrilheiro, cujo pênis fora carbonizado na tortura com um maçarico, açoita um subordinado negro (abrutalhado e bêbado, portanto) e faz com que estupe uma virgem. Os personagens falam mais de bidês que de luta de classes.

O romance serve de alegoria para a intelectualidade –premada que estava entre a traição do PCB, a cartada suicida da luta armada, a inócua assinatura de manifestos, o desbunde ou a melancolia estéril. Simões nem cogita em aderir à nova ordem.

"Pessach" serve, ainda, para pensar os laços entre Cony e Simões. No lançamento do livro, sua primeira frase era: "Hoje faço quarenta anos". Não houve mudança na reedição, de 1975.

Em 1997, na terceira edição, ela foi alterada para: "Hoje, 14 de março de 1966, faço quarenta anos." Cony nasceu em 14 de março. Em 1966, fez quarenta anos. Ou seja, Simões é seu alter ego.

É equivocado identificar o autor, pessoa real, com o narrador do romance, personagem fictício. Em "Pessach", tal identificação foi buscada ao longo dos anos. A mudança foi política. Nas primeiras edições, a ditadura dominava. Em 1997, Fernando Henrique cumpria o seu primeiro mandato presidencial.

A identificação Simões-Cony não faz com que "Pessach" deixe de ser ficção. Mas dá um sentido subjetivo à seguinte afirmação do narrador-autor: "Não quero morrer de velhice ou de moléstia... Antes que a vida me insulte, insultarei a vida: me engajo numa luta... Talvez consiga ser herói".

[Cony era um herói de verdade](#). Cronista alheio à política, a partir de abril de 1964 passou a vergastar com altivez a violência militar. Foi mais lúcido e corajoso que Simões. Fez isso sozinho e pagou caro: demissão, afastamento do Brasil, uma dúzia de processos.

Cerca de dois anos depois de "Pessach", desistiu de ser herói. Virou o alter ego de Adolpho Bloch, que o contratou para exaltar o regime. E, meses após relançar o romance, não teve pejo em entrevistar na "Manchete" Sérgio Fleury, ponta de lança dos torturadores. Era chamado de Conyvente.

Com Lula no Planalto, o herói fantasmagórico abocanhava uma bolsa-ditadura. Cony pediu indenização e quis uma pensão mensal. Em valores de hoje, a indenização foi de R\$ 2,8 milhões; a pensão, de R\$ 37,6 mil.

O herói morreu de velhice e moléstia. Não foi insultado pela vida, mas pelas escolhas que fez ao longo dela. Seus artigos de 1964 são um cáldo documento de época. "Pessach", uma ruína sobre hipocrisia e cinismo.

Endereço da página:

<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/mariosergioconti/2018/01/1950009-um-heroi-cinico-e-hipocrita.shtml>

Links no texto:

Erramos: esse conteúdo foi alterado

[#article-aside](#)

"Terra em Transe"

<http://folha.com/no1941254>

"Quarup"

<http://folha.com/no1853078>

Cony era um herói de verdade

<http://folha.com/no1948512>

Copyright Folha de S. Paulo. Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução do conteúdo desta página em qualquer meio de comunicação, eletrônico ou impresso, sem autorização escrita da Folha de S. Paulo.